

A linguagem oral no telejornalismo brasileiro

Tese de doutorado defendida na Escola de Comunicação e Artes (ECA) - USP
Orientador: Prof. Dr. Sebastião Squirra

IVETE CARDOSO
DO CARMO
ROLDÃO

Existe um senso comum de que a linguagem oral do telejornalismo deve ser “coloquial”. Entretanto, aceitar que a definição da linguagem oral do telejornalismo seja apenas “coloquial”, significa simplificar uma área de estudo que possui complexidades até então não exploradas. Assim, o objetivo deste trabalho é identificar o padrão de redação da linguagem oral utilizada no telejornalismo brasileiro, fazendo uma reflexão sobre a linguagem escrita e a linguagem oral, bem como discorrer sobre o dualismo existente entre ambas na construção do texto escrito para ser falado nos telejornais.

A pesquisa teve como referência os estudos de SQUIRRA (1990, 1993, 1997 e 2000) sobre telejornalismo. Importante contribuição também foi a tese de doutorado de REZENDE (1998) e o trabalho de PEREIRA JR. (2000). Na área da lingüística, a referência foi a análise da linguagem oral explorada por um grupo de pesquisadores da USP, entre eles o lingüista PRETI (1992).

As unidades de pesquisas são os telejornais e manuais de telejornalismo. [1] Foram analisados três dos principais telejornais exibidos em horário noturno: o *Jor-*

nal Nacional (Rede Globo), o *Jornal da Record* (Rede Record) e o *Jornal da Cultura* (TV Cultura). Os três telejornais foram escolhidos para tal análise e comparação pela sua importância no cenário do telejornalismo brasileiro. A amostra foi composta por seis edições de cada um dos telejornais de uma mesma semana (20 a 25 de novembro de 2000), totalizando 18 telejornais.

Foram feitas entrevistas semi-estruturadas com profissionais atuantes no início da aparição do telejornalismo no Brasil e, após a análise dos textos, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com editores dos três telejornais.

O APRENDIZADO EMPÍRICO: DO RÁDIO PARA A TV

No início, o telejornalismo tinha muito do estilo do rádio, contando apenas com a presença do locutor que apresentava as notícias. Nos anos sessenta, começam lentamente a ser desenvolvidos outros recursos técnicos, mas prevalece, ainda nesse período, o estilo do rádio. A Isso montou as primeiras redações de rádio e televisão no Brasil. Para Gontijo Teodoro, a grande importância do *Repórter Isso* está no fato de ter conseguido criar uma linguagem telejornalística que viria a influenciar escolas futuras. [2]

Mas, apenas na década de 70, as redes começam a adotar tecnologia moderna com aparelhagem importada. Foi também nesse período, segundo RIBEIRO (1988: 2), que a própria imprensa insistiu na necessidade de mudanças no telejornalismo, lamentando a superficialidade das notícias. “Houve, então, entre outras mudanças, a introdução da linguagem do repórter ‘in loco’ complementando a fala formal do locutor.”

RIBEIRO (op. cit.) constata que, na década de 70, houve um crescente uso da linguagem coloquial nas reportagens e os repórteres começaram a aparecer. Mas é na década de 80 que os repórteres passam a aparecer com mais frequência no vídeo. Também é nesse período (1985) que é organizado o *Manual de Telejornalismo da Globo*. De acordo com o responsável pela sua organização, Luís Edgar Andrade, [3] as fontes para se produzir o manual foram as práticas trazidas pelos jornalistas da Globo, inúmeras discussões realizadas em seminários, debates e aulas que a equipe de jornalismo da emissora realizava para avaliar a linguagem. Foram dois anos de trabalho para concluir a primeira versão da publicação.

O livro *Television News*, de Irving FANG (1972), foi mais uma entre essas fontes. Segundo Andrade, a publicação foi levada para a redação por Armando Nogueira.

“O livro tinha um capítulo sobre as regras para escrever. Havia algumas regras usadas nos Estados Unidos, que se adaptavam a qualquer língua. Há uma regra que eu acho importante, que é a dos nomes próprios. Nunca comece uma frase com nome próprio. Primeiro se diz quem é o sujeito e depois o nome. Assim se sucedeu mais ou menos na Globo.” [4]

De fato, em uma análise mais detalhada, através da leitura desse livro, especialmente do capítulo que trata da redação dos telejornais nos Estados Unidos, observa-se que, no *Manual da TV Globo* e no livro *Television News*, há diretrizes semelhantes sem, contudo, haver uma aplicação direta das regras explicitadas.

O relato histórico confirma as palavras de MELO (1985: 132), quando afirma que o nosso jornalismo “estruturou-se criativamente, absorvendo com seletividade os modelos que nos insinuaram ou impuseram, adquirindo feição diferenciada”. As regras básicas que se conhecem hoje são resultado das experiências dos jornalistas que iniciaram o trabalho na televisão. Em que pese o fato de que a influência norte-americana existiu e ainda existe na produção do telejornalismo brasileiro, não se pode admitir que a absorção do modelo de redação, proveniente do telejornalismo norte-americano, tenha sido acrítica. Ela existiu e deve ser considerada uma fonte fundamental nesse processo, mas não a única.

OS MANUAIS SÃO APENAS UM PARÂMETRO

O texto dos telejornais é produzido de acordo com o que é mais adequado à situação, pensando-se, primordialmente, na sonoridade. No que se refere ao que consta dos manuais, o que se apresenta é a coadunação de suas regras, utilizadas em maior ou menor grau, a partir de uma série de variáveis como o estilo do repórter, o formato e estilo do telejornal e o tema da reportagem.

No caso específico do tamanho das frases, os telejornais mantêm o cumprimento da regra. As frases curtas predominam porque, nesse caso, os telejornais procuram acompanhar a linguagem falada e as pessoas, mesmo as mais

esclarecidas, não falam frases longas. Merece destaque a utilização, no texto dos telejornais, de fatores de coesão textual, principalmente a elipse e a substituição lexical, questão que não consta em nenhum dos manuais. A “elipse” [5] convive de forma antagônica com a repetição de palavras-chave muito utilizada para que haja uma aproximação do coloquial. Já a substituição lexical, [6] com a utilização de sinônimos, hiperônimos [7] e nomes genéricos, [8] ocorre para garantir a reprodução dos termos sem, entretanto, tornar o texto repetitivo.

Se, por um lado, algumas regras são cumpridas quase que na íntegra, como é o caso do tamanho dos períodos e da não utilização de gerúndio e rima, por outro lado, outras regras estão distantes de serem seguidas. É o caso da utilização excessiva de palavras técnicas e supérfluas e a utilização, muitas vezes, do verbo no futuro do indicativo.

No que se refere à utilização de palavras e expressões técnicas, é importante salientar que algumas, embora difíceis para a compreensão de muitos telespectadores, já foram incorporadas ao vocabulário do telejornalismo. Os editores dos dois telejornais analisados que mais utilizam esse recurso - o *Jornal da Record* e o *Jornal da Cultura* - admitem que trabalham com a idéia de público alvo e explicam que o público dos telejornais em questão entende a linguagem utilizada.

Há ainda o caso de regras como, por exemplo, o uso do adjetivo, que no *Jornal da Record* é proibido explicitamente, no *Jornal Nacional*, embora não haja uma proibição explícita, o adjetivo é pouco utilizado, e no *Jornal da Cultura*, pelo contrário, a utilização é permitida e até incentivada.

A pesquisa demonstra que, independentemente de serem seguidas ou não na íntegra, essas regras são um parâmetro para o telejornalismo brasileiro. É preciso haver uma conjunção das regras, pois nenhuma delas funciona de forma estanque. Além disso, nem todas as regras devem ser seguidas “ao pé da letra”. É preciso ter o que os editores chamam de “bom senso”.

DO TEXTO ESCRITO PARA O TEXTO FALADO

Segundo o dicionário *Aurélio*, o termo “coloquial” é assim definido: “relativo a colóquio; próprio de colóquio; diz-se do estilo poético em que se emprega o vocabulário e a sintaxe da linguagem cotidiana.” Colóquio é “a conversação ou palestra entre duas ou mais pessoas.” (HOLLANDA FERREIRA, 1983: 299)

Se for tomada como referência a afirmação de BARROS (2001:68-9) de que:

“...a conversação ‘autêntica’, manifestação por excelência da modalidade da fala, é centrada no tempo, no espaço e nos atores, ou seja, tem o caráter mais ‘intimista’ de um diálogo entre ‘eu e você’ ‘aqui e agora’”,

pode-se considerar que a linguagem do telejornalismo é parcialmente coloquial, pois tendo em vista que a fala dos telejornalistas é primeiro escrita para depois ser falada, observa-se que a forma como a frase é construída possui características próprias que a diferenciam da linguagem cotidiana.

A expressão oral do telejornalismo utiliza-se tanto do padrão da linguagem escrita, baseado em normas gramaticais, como do pa-

drão oral (coloquial), baseado na linguagem utilizada no cotidiano da população. Ao se referir à expressão oral do telejornalismo, PRETI (1992: 234), considera-a “uma linguagem falada culta mais tensa, própria das situações formais”.

Para melhor compreensão da linguagem oral do telejornalismo, é importante compreender que, conforme explica BARROS (2001: 60), [9] existem características fundamentais de diferenciação entre a escrita e a fala em relação à forma como tais modalidades se inscrevem no tempo:

- Na fala, a elaboração e produção coincidem no eixo temporal. Na escrita, há dois momentos diferentes: o primeiro, em que se elabora o texto; o segundo, em que ele é efetivamente produzido.

- A fala tem certo planejamento temático, isto é, a escolha de tópicos para que a conversação se desenvolva, mas a maior parte das escolhas temáticas e lingüísticas se faz durante a conversa. O texto escrito é planejado tanto do ponto de vista temático, quanto do lingüístico-discursivo.

- A fala expõe as marcas deixadas pela formulação e pelas reelaborações, oferecendo sempre traços de revisões, mudanças de encaminhamentos e reformulações, sob a forma de procedimentos de correção, paráfrase, hesitação, repetição, interrupção, etc. Na escrita, há a possibilidade de reelaborar o texto sem deixar marcas: revê-se o que se escreveu, volta-se atrás, apagam-se os erros e hesitações, evitam-se as repetições e pode-se apresentar o texto como algo acabado.

- A fala é fragmentada, isto é, ocorre em jatos, sob a forma de unidades de idéias com contornos entonacionais próprios e delimita-

dos por pausas. A escrita se caracteriza por unidades mais longas e complexas, pois o escritor tem mais tempo de formulação e reformulação e o leitor pode sempre rever ou reler o texto.

No telejornalismo, a relação entre fala e escrita é muito próxima, podendo até significar uma fusão entre as duas. A escrita, que é transmitida através da oralidade, possui um planejamento, no entanto, é organizada já se pensando que a sua leitura será feita em voz alta e de uma forma que dê ao telespectador a impressão de que o interlocutor está conversando com ele. Para alcançar essa sensação de diálogo, a síntese e a escolha de cada palavra são fundamentais. De acordo com SQUIRRA (1990: 65), o poeta Carlos Drummond de Andrade afirmou que ‘escrever é cortar palavras’, o que acabou criando certo constrangimento entre aqueles que justamente acreditavam no contrário. Essa condição é fundamental para os jornalistas da televisão.

Outra questão importante a ser analisada é que não basta que a língua seja aplicada oralmente para ser considerada falada. A oralidade é uma característica essencial da língua falada, mas não o suficiente para caracterizá-la. Notícias transmitidas por rádio e televisão, por exemplo, caracterizam-se pela oralidade, mas não pelo caráter falado. É a dialogicidade instaurada pela situação face a face que caracteriza a língua falada. (HILGERT, apud RODRIGUES, 1995)

Portanto, a segunda consideração importante é a de que as notícias transmitidas no telejornalismo, apesar de terem uma forte influência das características da fala, são textos escritos realizados oralmente. Para URBANO (1999: 131),

“há, na verdade, textos escritos que se parecem com ‘falas’, dada a presença neles de marcas de oralidade e de linguagem popular. Isso acontece, ou por ignorância e despreparo daquele que escreve em relação às normas da língua escrita, ou por uma questão consciente de estilo.”

Tal afirmação não significa que exista uma dicotomia entre a fala e a escrita. Segundo MARCUSCHI (2001: 47), “a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem.”

No caso do telejornalismo, existe o fenômeno da passagem da fala para a escrita que, na seqüência, é transmitida oralmente para os telespectadores. Nesse processo pode ser verificado que, mesmo a veiculação sendo de caráter oral, a construção da notícia na televisão apresenta características bivalentes, tendendo muitas vezes a um tipo de estruturação de texto típica da escrita.

Outro aspecto que deve ser notado no telejornalismo é a diferença entre o estilo escrito para ser falado pelos telejornalistas e a naturalidade da fala da população. Os depoimentos dos entrevistados são observados como resultado do trabalho final de edição das reportagens, em que a fala deles é, muitas vezes, substituída pelo texto do repórter, em *off*, a partir do argumento de que o jornalista deve ter um poder de síntese, que não é inerente a qualquer falante.

É importante considerar também que existem características específicas no texto dos editores e dos repórteres, [10] já que o trabalho

de redação desses profissionais se dá em condições diferenciadas. Na maioria das vezes, o repórter escreve o texto na rua e o *off* já é enviado para a redação gravado, assim como a passagem que tem que ser gravada na rua.

Além disso, de acordo com SQUIRRA (1990: 63-4),

“sempre que um repórter relata um fato jornalístico estará inevitavelmente contando a história sob um ponto de vista particular, de acordo com seus referenciais culturais, históricos e políticos.”

Todos esses fatores influenciam a forma de redação do texto da reportagem.

Por outro lado, os editores, enquanto redigem as chamadas (cabeças) das matérias, ou as notas (simples e cobertas), lapadas e escalada, [11] estão na redação e contam com mais tempo até para conversar entre si. Além disso, há uma grande preocupação de que o público entenda o que é transmitido, conforme constata PEREIRA JR. (2000: 108), “enquanto redigem as páginas, muitas vezes, os editores trocam idéias entre si e com o editor-chefe sobre a cabeça da matéria”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso reforçar a idéia de que não se pode reduzir a complexidade da linguagem oral do telejornalismo classificando-a apenas como coloquial. Ela busca, nas falas cotidianas da população, algumas características que a aproximam da linguagem falada. Entretanto, trata-se da construção de um texto jornalístico e é imperioso que se pense nele como tal

a partir do conteúdo da notícia e do formato exigido pelo veículo televisão.

Tanto o repórter como o editor, ao pensarem em transmitir a notícia, devem considerar fatores como o tempo que têm, qual é o ponto mais forte da matéria para transformá-lo no *lead*, [12] quais imagens gravadas possui, qual é o público para quem ele se dirige levando em consideração a emissora e o telejornal para o qual trabalha, etc.

Cada telejornal tem o seu estilo, e mesmo dentro dos telejornais, existem características que diferenciam o texto dos editores e dos repórteres. No caso dos editores, que escrevem o texto que o apresentador vai ler (falar), existe uma maior padronização. Na redação, conforme PEREIRA JR. (op. cit.), os editores têm mais tempo e possibilidade de conversar entre si sobre como melhorar e objetivar o texto.

Já o repórter narra uma história que está acontecendo ou acabou de acontecer. Assim, por mais que seja proclamada a objetividade, ao noticiar um fato o repórter subjetiva, comenta e interpreta, ou seja, apresenta a sua versão do real.

Além disso, o texto da reportagem recebe interferência de diversos fatores extralingüísticos como o tema da reportagem, acompanhado pelo local do acontecimento e até as características próprias do repórter. Por mais que existam regras gerais de cada emissora, na rua o repórter trabalha com o que se pode chamar de liberdade lingüística assistida. Ele exercita sua liberdade dentro do que sabe ser permitido pela emissora ou pela direção do telejornal.

As mudanças são rápidas, como opina o chefe de redação da TV Cultura, Vicente Adorno:

“a televisão devora qualquer novidade com a maior facilidade. O que eu estou fazendo hoje que parece uma maravilha, daqui a uma semana ninguém agüenta mais. Então você tem que estar trocando.” [13]

Mesmo aceitando as regras dessa velocidade, não se pode deixar totalmente para trás os antigos manuais, sendo necessário, porém, estar consciente de que eles, hoje, são apenas uma referência e não podem ser utilizados como única fonte para aqueles que querem escrever bem, e conseqüentemente comunicar-se bem com o telespectador através dos telejornais.

No que se refere aos telejornais, fica evidente, através da análise, que o *Jornal Nacional* é o que, na maioria das vezes, tem o texto mais sucinto e que ao mesmo tempo proporciona maior clareza para os telespectadores, sem, entretanto, apresentar construções que possam ser consideradas “pobres” do ponto de vista da gramática. Pelo contrário, evidenciam-se textos que podem ser considerados extremamente primorosos.

O *Jornal da Record*, considerando o seu público alvo, apresenta um texto “bem dosado”, embora tenham sido encontrados alguns problemas como a utilização, mesmo que apenas uma vez, do gerúndio e a palavra “exortou” classificada como um exagero literário, ainda que o editor desse telejornal, Luís Padovani, [14] considere que o seu público entenda o termo.

Já o *Jornal da Cultura* demonstra uma preocupação maior com o conceito de jornalismo público que apresenta do que com a construção do texto, embora a segunda não deixe de

existir. Sem desmerecer a qualidade desse telejornal, na análise realizada, mesmo considerando também o seu público alvo, é o que apresenta as maiores contradições como, por exemplo, excesso na utilização de termos científicos em alguns casos que, ao contrário de elucidar o telespectador, pode até confundir-lo. Ao mesmo tempo é o telejornal que mais usa gírias e principalmente expressões populares.

Não se tem, nesta pesquisa, a pretensão de encerrar a discussão sobre a linguagem oral do telejornalismo, pelo contrário, o importante papel que esta pesquisa cumpre é o de iniciar o estudo acerca do tema. Considera-se fundamental a busca por novas descobertas sobre a linguagem, principalmente para quem tem nela o seu instrumento principal de trabalho, como é o caso do jornalista.

NOTAS

1 - *Jornalismo Audiovisual*, de Walter Sampaio (1971); *Jornalismo na TV*, de Gontijo Teodoro (1980); *Manual de Telejornalismo da Central Globo de Jornalismo* (1985). *O Texto na TV: Manual de Telejornalismo*, de Vera Íris Paternostro (1987); *Aprender Telejornalismo: Produção e Técnica*, de Sebastião Squirra (1990); *Ponto Eletrônico*, de Flávio Prado (1996); *Manual de Redação da TV Cultura* (1997).

2 - "O Repórter Esso". In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro: 05 mar. 1989, p.3.

3 - Em entrevista à autora, Rio de Janeiro, março de 2002.

4 - Idem.

5 - Fator de coesão textual que consiste no apagamento de um termo ou expressão presente no contexto anterior, ou seja, a omissão de pala-

avras que estão subentendidas no contexto.

6 - Recurso de coesão textual que ocorre quando se faz o uso de sinônimos, hiperônimos e nomes genéricos.

7 - Palavra que designa uma classe agrupando várias sub-classes; é o termo mais genérico de sentido mais abrangente.

8 - Expressão que designa coisa, pessoa, fato, acontecimento, etc.

9 - BARROS apresenta, ainda, dentro do item plano do conteúdo na fala e na escrita, diferenças existentes quando se analisa "o espaço na escrita e na fala" e "o ator na fala e na escrita", que não estão sendo consideradas nesta pesquisa.

10 - Como trabalho dos editores devem ser considerados os textos das notas ao vivo, notas cobertas (narradas pelo apresentador e cobertas por imagens), lapadas e também as cabeças (chamadas de reportagens lidas pelo apresentador) e pés das reportagens (notas lidas ao final da reportagem pelo apresentador e que trazem uma informação complementar sobre a mesma), além da escalada. Como trabalho dos repórteres devem ser considerados os textos das reportagens (*offs* e passagens).

11 - Lapada é uma seqüência de notas cobertas. Escalada é o conjunto de manchetes apresentado no início do telejornal.

12 - Abertura da notícia. Primeiro parágrafo da notícia em jornalismo. No telejornalismo o *lead* pode estar na cabeça da reportagem ou estar diluído na matéria gravada.

13 - Em entrevista à autora, São Paulo, setembro de 2002.

14 - Em entrevista à autora, São Paulo, setembro de 2002.

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, Diana L. Pessoa de. "Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias". In: PRETI, Dino (org.) *Fala e Escrita em Questão*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2001, p. 57-77.
- FANG, Irving. *Television News*. Nova Iorque: Hastings House, Publishers, 1972.
- HOLLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 11ª. ed., 1983.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da Fala para a Escrita; Atividades de Retextualização*. São Paulo: Cortez, 2ª ed., 2001.
- MELO, José Marques. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- PEREIRA JR., Alfredo Eurico Vizeu. *Decidindo o que é Notícia*. Porto Alegre: PUC-RS, 2000.
- PRETI, Dino. "A linguagem da TV: o impasse entre o falado e o escrito". In: NOVAES, Adauto (org.), *Rede Imaginária: Televisão e Democracia*. São Paulo: Cia. Das Letras/ Secretaria Mun. de Cultura, 1992, p. 232-9.
- REZENDE, Guilherme Jorge. "Perfil editorial do telejornalismo brasileiro". Tese de Doutorado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1998.
- RIBEIRO, Sonia Maria. "A linguagem coloquial no telejornalismo: marcas e variações". Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1988.
- RODRIGUES, Ângela C. Sousa. "Língua falada e língua escrita". In: PRETI, Dino (org.), *Análises de Textos Oraís*. São Paulo: FFLCH/USP, 1995, p. 13-32.
- SQUIRRA, Sebastião. "Leitura de Imagens". In: FERNANDES LOPES, Dirceu & TRIVINHO, Eugênio (orgs.) *Sociedade Mediática: Significação, Mediações e Exclusão*. Santos: Universitária Leopoldianum, 2000, p. 105-27.
- _____. *Telejornalismo – Memórias*. São Paulo: ECA/USP, 1997.
- _____. *Boris Casoy – O Âncora no Telejornalismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. *Aprender Telejornalismo - Produção e Técnica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- URBANO, Hudinilson. "Variedades de planejamento no texto falado e no escrito". In: PRETI, Dino (org.) *Estudos da Língua Falada: Variações e Confrontos*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 1999, p. 131-51.